

# Curso grátis de Bullying

55 horas aula

## Conteúdo Programático:

Introdução

O Fenômeno Bullying e sua Etiologia

Definindo o conceito de Bullying

Definindo o conceito de Cyberbullying

As Causas e Consequências da Prática do Bullying

O Fenômeno Bullying nas Escolas

Maneiras de Praticar Bullying e seus Protagonistas

Projetos e Práticas Psicopedagógicas para redução do Bullying

Bibliografia/Links Recomendados

## INTRODUÇÃO

No universo da Psicologia os problemas relacionados à violência escolar se fazem presentes, pois o modo de vida do século XXI trouxe à tona elementos que antes não eram tão percebidos ou tão evidenciados como na atualidade, no que se refere ao cotidiano escolar e a sociedade em geral, tais como: agressões entre docentes e discentes, violência dentro e fora do ambiente escolar, desigualdades sociais, pressões sociais, preconceito entre estudantes, entre outros. Desta forma, percebe-se que esses fatores influenciam e contribuem na mudança da realidade escolar dos dias de hoje, em relação ao ambiente escolar visto no passado.

O *bullying* é um exemplo destas transformações, caracterizado como um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento.

Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações deste comportamento.

O *bullying* é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar "traumas" ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos.

Sendo assim, torna-se importante contribuir com a temática, haja vista que em um mundo tão cheio de transformações, a violência cada dia aumenta e com isso sérias conseqüências têm se manifestado na sociedade, dentre estas manifestações o bullying tem se evidenciado, prova disto são as grandes tragédias que têm acontecido nas escolas com alunos que sofreram agressão no período escolar, e atualmente sofrem sérias conseqüências

psíquicas e sociais, agindo de forma violenta. Com isso, faz-se necessário atentar para os problemas gerados em consequência deste.

Diante do preocupante panorama escolar, percebe-se a necessidade em pesquisar sobre o fenômeno bullying, tendo em vista as poucas publicações encontradas sobre esta temática que visam aprofundar sobre o assunto.

A Psicologia deve exercer papel fundamental na busca de fatores que possam explicar e auxiliar na prevenção e combate a essa tamanha barbárie contra vítimas e praticantes deste ato.

Diante deste contexto, configura-se como problema de pesquisa neste curso: Quais os transtornos psicológicos que podem ser gerados a partir do bullying e quais os possíveis programas psicopedagógicos?

O presente curso parte da premissa de que são muitos os transtornos gerados a partir desse tipo de agressão, entre eles estão o transtorno de pânico, de estresse pós-traumático e depressão. Diante desses problemas psicológicos advindos do bullying faz-se necessário um acompanhamento psicopedagógico com esses estudantes, tanto aos que sofrem, quanto àqueles que praticam tal ato.

Frente a este exposto, este curso objetiva-se de maneira geral em analisar as manifestações da agressão escolar configurada no fenômeno bullying, buscando compreender as nuances psicológicas acarretadas por ele, assim como, seu possível tratamento psicopedagógico.

Como objetivos específicos destacam-se:

- Investigar o fenômeno bullying;
- Compreender como o bullying tem se manifestado no contexto escolar brasileiro;
- Identificar as possíveis causas deste tipo de agressão;
- Elencar os problemas emocionais gerados no processo de agressão;

- Levantar elementos que possam contribuir com os programas psicopedagógicos do sujeito acometido pelo *bullying*.

## O FENÔMENO BULLYING E SUA ETIOLOGIA

Sofrer com apelidos criados pelos colegas de sala de aula, ter que se defender diante de uma mentira inventada por algum colega, ou ainda se defender diante de uma agressão sofrida são situações que se tornam cada vez mais presentes no cotidiano escolar de crianças e adolescentes.

Pesquisas mostram que essas atitudes eram consideradas "brincadeiras" entre estudantes, e percebidas como irrelevantes pela maioria dos educadores e pais, porém, atualmente, constata-se que essas brincadeiras causam um enorme prejuízo à vítima dessa situação. De forma que, atualmente este fenômeno está sendo encarado de maneira mais séria pelos especialistas em questão, que denominaram este tipo de comportamento como sendo: *Bullying*.

Estudos indicam que as simples "brincadeirinhas de mau-gosto" de antigamente, hoje denominadas *bullying*, podem revelar-se em uma ação muito séria. Causam desde simples problemas de aprendizagem até sérios transtornos de comportamento responsáveis por índices de suicídios e homicídios entre estudantes (SILVA, 2006, p. 02).

De acordo com Fante (2005), *bullying* é uma palavra de origem inglesa, utilizada em diversos Países para conceituar o desejo consciente e deliberado de maltratar outro indivíduo e pressioná-lo.

Segundo Cavalcante (2004), *bullying* é um termo oriundo da palavra inglesa *bully*; a qual se refere aos termos de valentão e brigão. Já como verbo, tem o significado de ameaçar, amedrontar, tyrannizar, oprimir, intimidar e maltratar.

Ainda conforme Fante (2005), há muitos estudos sobre a fenomenologia do *bullying* nos últimos anos. No entanto, há algumas dificuldades encontradas pelos estudiosos, e entre estas

dificuldades está: encontrar termos correspondentes ao *bullying* em diversos idiomas, nos mais variados Países.

Em alguns Países, há outros termos que conceituam estas formas de comportamento. *Mobbing* é um deles, utilizado na Noruega e na Dinamarca; já *Mobbning* é o termo utilizado na Suécia e na Finlândia. Estas terminologias são usadas com significados e conotações diferenciadas. A raiz inglesa *mob*; faz referência a um grupo anônimo de indivíduos que geralmente pratica o assédio. No entanto, quando uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta outrem, o termo utilizado para caracterizar esta atitude é o *mobbing*. Mesmo não sendo uma denominação adequada no que se refere à lingüística, *mobbing* é usado para caracterizar uma situação na qual um sujeito, sozinho ou em grupo, ridiculariza um outro sujeito. Na França o conceito utilizado é *Narcèlement Quotidien*, na Itália utiliza-se *Prepotenza* ou *Bullismo*, no Japão denomina-se *yjime*, já na Alemanha é conhecido como *Agressionen unter Schülern*, na Espanha, como *Acoso y Amenaza entre Escolares*; e em Portugal, *Maus - tratos entre Pares* (FANTE, 2006).

Segundo Fante (2006, p. 46), "pesquisadores de todo o mundo atentam para esse fenômeno, apontado aspectos preocupantes quanto ao seu crescimento e, principalmente, por atingir os primeiros anos de escolarização".

Nos Estados Unidos, o *bullying*, atualmente, é assunto de grande interesse, pois, nesse país o fenômeno aumenta a cada dia entre seus estudantes. Os índices de incidência são tão altos que os estudiosos americanos o classificam como um conflito mundial e prevêem que se essa tendência continuar a aumentar, será grande o percentual de jovens que se tornarão adultos delinquentes e abusadores.

Conforme Fante (2006), em comparação, no Brasil, o *bullying* ainda não é muito conhecido, sendo pouco comentado e pesquisado, razão pela qual existem poucos estudos nos quais se possa ter uma visão geral sobre o tema para que se consiga compará-lo aos demais Países. O que se sabe é que em comparação com a Europa, no que se refere às pesquisas e tratamento desse comportamento, o Brasil está com pelo menos quinze anos de atraso.

De acordo com Cavalcante (2004) a primeira pessoa a relacionar a palavra ao *bullying* foi o professor Dan Olweus, da Universidade da Noruega. Ao estudar sobre as tendências suicidas entre jovens, Olweus concluiu que a maior parte destes adolescentes tinha sofrido algum tipo de ameaça e, sendo assim, *bullying* era um mal a ser combatido.

Como é um assunto considerado novo, ou seja, estudado há pouco tempo, pois, as primeiras pesquisas são da década de 90, cada País deve encontrar uma palavra em seu próprio vocábulo que se refira a este conceito, tendo o mesmo significado.

De acordo com Fante (2005), o Brasil adotou o termo que é utilizado na maioria dos países: *Bullying*.

O fenômeno *bullying* é caracterizado como sendo um subconjunto de atos agressivos, repetitivos, nos quais evidenciam um desequilíbrio de poder, incapacidade de defesa da vítima, seja essa por variados fatores, tais como: menor estatura ou força física, por estar em minoria, por ser pouco habilidoso em se defender, pela falta de assertividade e pouca flexibilidade psicológica perante o autor ou autores do ataque. Os critérios acima citados muitas vezes não são aceitos universalmente, mas ainda assim não deixam de ser empregados em muitas ocasiões. Alguns estudiosos consideram ser necessários no mínimo três ataques contra a mesma pessoa ao longo do ano para que este seja caracterizado como *bullying* (FANTE, 2005, p. 28).

Ainda de acordo com Pereira (2002), *bullying* é caracterizado por uma série de comportamentos agressivos de intimidação e que apresentam várias características comuns, entre as quais se identificam várias estratégias de intimidação do outro e que resultam em atos violentos desempenhado por um indivíduo ou por pequenos grupos de modo regular e frequente.

Sendo assim, segundo a ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência), o *bullying* é constituído de todas as formas de atitudes, intencionais e repetidas, que acontecem sem um motivo claro, realizados por um ou mais estudantes contra outro(s), provocando dor, angústia,

e executadas através de uma relação desigual de poder.

A ABRAPIA ainda ressalta (s/d) que os comportamentos caracterizados como *bullying* são: colocar apelidos, ofender, fazer gozações, encarnar, fazer humilhações, causar sofrimento, discriminar, excluir, isolar, ignorar, intimidar, fazer perseguições, assediar, aterrorizar, tyrannizar, dominar, agredir, bater, dar chutes, dar empurrões, causar ferimentos, roubar, e ainda quebrar pertences.

#### **Definindo o conceito de Bullying**



Desde o início dos estudos relativos à violência escolar e às relações entre alunos nas escolas, o fenômeno hoje aceito por bullying [termo de origem inglesa] (...) tem tido vários nomes em função quer do país dos investigadores, quer da própria abrangência do conceito e da evolução do mesmo. (...) Em Portugal, têm sido utilizados termos como “intimidação”, “prepotência”, “violência escolar entre pares”, entre outros. No Brasil, o termo "bullying" está mais popularizado atualmente.



Importa no entanto, aferir melhor acerca do que o conceito define e engloba, para compreendermos melhor o próprio fenómeno.

Nesta definição estão contidos alguns aspetos que nos permitem perceber melhor o bullying.

Por um lado a sistemática e continuada exposição a situações de violência, por outro lado o fato de a violência poder ser causada não apenas por um agressor, mas por vários. Smith et al. (1999:1) define o bullying da seguinte forma:

“O Miguel era um rapazinho franzino de 17 anos, que frequentava o 11º ano duma turma exclusivamente masculina de um curso técnico-profissional. Quando comecei o meu trabalho como diretora de turma apercebi-me de alguns desequilíbrios nas relações entre os elementos da turma, mas só mais tarde me vim a aperceber da gravidade da questão.

O Miguel era constantemente perseguido com piadas, graças de mau gosto sobre o seu aspeto físico (que diziam feminino) e sujeito a ‘brincadeiras’ mais ou menos violentas em que era humilhado e vexado.

As ‘brincadeiras’ iam desde as palmadas nas costas com grandes sorrisos, acompanhadas com “Então, ‘pá’, ‘tás’ bom?!”, a esconderem-lhe os seus objetos pessoais ou os materiais necessários para as aulas, a estragarem-lhe os trabalhos realizados ou aos encontrões e a outras formas mais ‘originais’ como meterem-no dentro de um caixote do lixo da escola ou terem-no deixado pendurado no cabide da sala de aula.

(relato de uma professora)

Freire et al. (2006, pp.1-2)

(...) bullying é uma subcategoria do comportamento agressivo; mas de um tipo particularmente pernicioso, uma vez que é dirigido, com frequência repetidas vezes, a uma vítima que se encontra incapaz de se defender a si própria eficazmente. A



criança vitimada pode estar em desvantagem numérica, ou só entre muitos, ser mais nova, menos forte, ou simplesmente ser menos auto confiante. A criança ou crianças agressivas exploram esta oportunidade para infligir dano, obtendo quer gratificação psicológica, quer estatuto no seu grupo de pares ou, por vezes, obtendo mesmo ganhos financeiros diretos extorquindo dinheiro ou objetos aos outros”.

Seixas (2005:98) refere que “qualquer comportamento de bullying é manifestado por alguém (um indivíduo ou um grupo de indivíduos) e tem como alvo outro indivíduo. Assim sendo, encontra-se sempre subjacente o envolvimento ativo de, pelo menos, dois sujeitos, aquele que agride (o agressor) e aquele que é vitimizado (a vítima). Nesta perspetiva, quando ocorre um episódio de bullying ocorre simultaneamente uma situação de vitimização”.



Como referem Carvalhosa et al. (2001) o bullying é caracterizado por determinados critérios:

1. A intencionalidade do comportamento, isto é, o comportamento tem um objetivo que é provocar mal-estar e ganhar controle sobre outra pessoa;
2. O comportamento é conduzido repetidamente e ao longo do tempo, ou seja, não ocorre ocasionalmente ou isoladamente, antes passa a ser crónico e regular;
3. Um desequilíbrio de poder é encontrado no centro da dinâmica do bullying, em que normalmente os agressores vêm as suas vítimas como um alvo fácil.
4. Outro aspeto a destacar é que o comportamento agressivo não resulta de qualquer tipo de provocação ou ameaça prévia. O bullying pode manifestar-se de diversas formas, podendo ser

distinguidos, essencialmente três tipos ou formas:

1. **Direto e físico**, que inclui bater ou ameaçar bater; pontapear, roubar objetos, estragar objetos, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar colegas a realizar tarefas contra a sua vontade.

2. **Direto e verbal**, englobando situações como chamar nomes, gozar, fazer comentários racistas ou que salientem qualquer defeito ou deficiência dos colegas.

3. **Indireto**, que inclui situações como excluir sistematicamente alguém do grupo ou das atividades, ameaçar com frequência a perda da amizade ou a exclusão do grupo de pares, espalhar boatos e/ou rumores, ou seja, manipular a vida social do colega ou colegas.



O bullying pode ser praticado por apenas um indivíduo – “bully”, provocador ou agressor – ou por um grupo, quanto ao alvo do bullying, pode também ser um indivíduo – “*victim*”, vítima – ou um grupo.

Podemos adiantar alguns aspectos que nos ajudam a definir melhor as situações de bullying:

1. Intencionalidade de fazer mal e persistência de uma prática a que a vítima é sujeita.

2. A agressão não é resultado imediato de uma provocação, ou de ações que possam ser vistas ou entendidas como provocações.

3. As intimidações e a vitimização têm um carácter sistemático e regular, não acontecendo apenas esporadicamente.

4. Normalmente os agressores são mais fortes (fisicamente), recorrem ao uso de arma branca, ou têm um perfil violento e ameaçador. As vítimas estão, muitas das vezes em posição de incapacidade para se defenderem ou pedir ajuda.

Há portanto determinados aspetos que nos permitem distinguir as situações de bullying, das situações vulgarmente associadas a aspetos ligados genericamente à indisciplina ou à violência escolar. São precisamente esses aspetos que tornam mais pernicioso o fenómeno e com efeitos que podem ser graves quer nas vítimas quer nos agressores, mas também em todo o clima escolar, e de mais difícil resolução.

Fonte: Educar bem (2007:59)

Conflito Normal	Bullying
- Os intervenientes explicam porque não estão de acordo, manifestando as suas razões.	- Intenção de fazer mal e falta de compaixão. O agressor encontra prazer em insultar, maltratar e dominar a sua vítima constantemente.
- A disputa é momentânea, não perdura no tempo.	- Intensidade e duração. A agressão não é pontual, prolonga-se por um longo período de tempo, até afetar gravemente a auto-estima do agredido.
- Desculpam-se e procuram soluções equilibradas, acordam um “empate”.	- A vulnerabilidade da vítima. É mais sensível a provocações do que os restantes colegas, não sabe defender-se adequadamente e tem características físicas e psicológicas que a predispõem à vitimação.
- Negoceiam para satisfazer as suas próprias necessidades.	- Falta de apoio. A criança sente-se só, abandonada e tem medo de contar o seu problema, pois teme represálias.
- São capazes de ultrapassar a questão e esquecer o assunto.	

#### EFEITOS DA AGRESSÃO/VITIMAÇÃO

“Bullying foi definido como uma relação interpessoal com uso de violência física ou psicológica entre pares (entre colegas), mas onde há um desequilíbrio de poder, havendo uma ação de carácter repetitivo e com intuito de fazer mal. Por definição não

faz sentido falar de bullying de alunos contra professores (uma vez que esta não é uma relação entre pares), mas não há “escolas de paz” em zonas de violência e, sendo tecnicamente incorreto falar-se de bullying na relação de alunos com professores, já é infelizmente uma realidade a ocorrência deste fenómeno entre pares/ docentes”.



Os efeitos do bullying, quer a curto, quer a médio e longo prazo têm sido estudados nos últimos anos com particular interesse, como resultado ou resposta a acontecimentos mais ou menos trágicos, que envolveram suicídios, marginalidade e abandono escolar.

É o seu carácter persistente e sistemático que tem aspetos claramente negativos para as vítimas que são diretamente atingidas no seu quotidiano escolar, afetando também o seu rendimento académico.

Um estudo de Sharp & Thompson (1992) adianta que numa amostra de 723 alunos das escolas secundárias das quais 40% foram vítimas naquele ano letivo, verificaram que 20 % dos alunos referiram que se tornavam mais negligentes ao tentar escapar das agressões; 295 alunos referiram que era difícil concentrarem-se nas tarefas escolares, 22% sentiram-se indispostos, depois de serem agredidos e 20% experimentaram dificuldades em adormecer ou durante o sono. Um estudo de Haselager & Lieshout (1992) concluiu que as vítimas, em especial aquelas que tinham sido reportadas pelos pares, apresentavam mais problemas de relação do que os agressores. Igualmente, as

vítimas experimentavam com mais frequência pouca aceitação, ativa rejeição e eram menos frequentemente escolhidas como os melhores amigos. Também apresentavam fracas competências sociais, como por exemplo cooperação, partilha e capacidade de ajudar os outros.

Bullying “é um termo introduzido por Dan Olweus quando pesquisava sobre tendências suicidas em jovens adolescentes. As suas investigações levaram-no a concluir que a maioria dos jovens que cometiam estes atos, tinham sofrido algum tipo de ameaça. É um subtipo de violência escolar; traduz-se num conjunto de comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, levados a cabo por um ou mais alunos contra outro. Manifesta-se através de insultos, piadas, gozações, apelidos cruéis, ridicularizações, entre outros. É uma forma de pressão social que acarreta muitos traumas na vida dos alunos que diariamente convivem com esta realidade, fazendo com que, muitas das vezes, condicionem o seu quotidiano às solicitações dos agressores”.

Portal Bullying (acesso em 13 de Outubro de 11)

*“Na vida, em suas relações com as pessoas, não seja vítima, não seja agressor(a), seja humano. Seja cidadão(ã). Diante da violência ou do desrespeito, não se omita”.*  
(Campanha anti-bullying nas escolas brasileiras)

Como sugere Martins (2005:402) “a agressão e a vitimação parecem ter consequências nefastas para os principais envolvidos no fenómeno bully-vítima, quer a curto, quer a longo prazo. Assim, as vítimas tendem a exibir um autoconceito geralmente desfavorável; baixa auto-estima; problemas de saúde física (sintomas psicossomáticos) e de saúde mental (sintomas depressivos, insegurança e ansiedade); e tendem ainda a ser rejeitados pelos pares”.

A longo prazo há uma série de outros problemas que lhe estão associados, como a depressão na vida adulta. Apesar disso, alguns estudos evidenciam que ser vítima em criança não implica necessariamente continuar a ter, na vida adulta esse estatuto. Parecem indicar que noutros contextos, os sujeitos passam a ter maior liberdade para escolher o seu grupo social e/ou meio de influência. Outros estudos referem problemas a nível das relações íntimas na vida adulta e dificuldade em confiar nos outros (Gilmartin, 1987), problemas de ajustamento social na

adolescência e vida adulta (Parker & Asher, 1987) e incapacidade de se relacionarem com os outros em adultos (Besag, 1989; Olweus, 1991; 1993).

Num estudo de Smith & Madsen (1996), os autores referem que a consequência mais severa do bullying na escola é o suicídio, podendo este ser o resultado direto ou indireto da vitimação constante e sistemática a que o sujeito é submetido.



Quanto aos agressores, importa também referir um conjunto de consequências, que as práticas da agressão e da provocação têm no seu desenvolvimento. Têm sido levados a cabo vários estudos sobre as consequências do bullying para os agressores. Assim, os resultados dos mesmos apontam para previsões pessimistas acerca das futuras capacidades de adaptação social das crianças com comportamentos de tipo “desviante” ou perturbações da conduta (entendida no sentido patológico) (Robins, 1986; Rutter, 1989). Outros estudos estabelecem mesmo uma ligação entre o número de sintomas de desordem na conduta e a persistência dessas condutas anti-sociais em adultos (Kelso & Stewart, 1986), citados por Pereira (1997:25). Para as crianças agressoras, existe um maior risco de envolvimento no futuro em condutas anti-sociais e atividades criminosas e marginais (Smith, 1991). Pereira (1997:26) citando um estudo de Olweus (1989) realizado com alunos do ensino secundário até aos 24 anos, refere que “a probabilidade de condenação em penas julgadas é cerca de quatro vezes maior para os alunos que foram agressores na escola do que para os que não foram agressores, o que indica a existência de fatores de risco

precipitante de futuras carreiras delinquentes para as crianças que com frequência agridem/intimidam”.

Martins (2005:402), citando um estudo de Olweus (1997) refere que os agressores, com a idade, podem evoluir no sentido da delinquência e criminalidade mais séria na vida adulta. “Em contextos sociais em que a agressão não é valorizada estes alunos tendem também a ser rejeitados pelos pares, porém em contextos sociais que valorizam a agressão tendem a ter um estatuto sociométrico controverso, médio ou mesmo popular”.

Estudos mais recentes têm-se debruçado nos efeitos do bullying sobre as testemunhas ou observadores passivos desses acontecimentos (Cowie, Murray & Brooks, 1996), referem que as testemunhas apresentam sinais de sofrimento e incompreensão do contexto de bullying.

Outros estudos apontam também consequências para um grupo de crianças que são simultaneamente vítimas e agressoras, parecendo encontrar - se numa situação de maior risco psicossocial, “por apresentarem conjuntamente, e de forma mais acentuada, as características das vítimas e dos agressores”. Martins (2005:402).



#### **CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS VÍTIMAS**

De acordo com a definição de Boulton & Smith (1994), “a vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou que lhe batem, ou que a arreliam, ou que lhe fazem outras coisas desagradáveis sem uma boa razão. Verifica-se que as vítimas típicas (ou

passivas) são mais deprimidas do que os outros alunos”. Outros estudos referem que as vítimas também têm menos amigos, maior dificuldade em fazer amigos e sofrem mais rejeição dos pares. Tendem a pertencer a famílias que são caracterizadas pela educação de restrição (Olweus, 1993) e excesso de proteção pelos pais (Olweus, 1994). No seu estudo de 1993, Olweus também encontrou correlações positivas entre a vitimação no grupo de pares e a exposição a negativismo paternal e excesso de proteção materno. Estes dados podem levar-nos a concluir que experiências precoces de vitimação, de violência e tratamento rígido e autoritário por parte dos adultos, serve para desregular a criança emocionalmente, expondo-a à vitimação pelos pares.

O mesmo investigador indica-nos que as crianças vítimas não são assertivas e não dominam algumas competências sociais. Caracterizam-se pelo medo e falta de confiança em si próprias. Quando agredidas não são capazes de ter respostas assertivas. Apresentam características como dificuldade de interação, sendo frequentes vezes excluídas socialmente.

Alguns estudos distinguem dois tipos de vítimas: as vítimas passivas (ansiosas, inseguras, e que procuram defender-se a si próprias) e as provocativas (temperamentais, que criam tensões e lutam sempre em resposta).

#### **CARACTERÍSTICAS DAS CRIANÇAS AGRESSORAS**

O provocador ou agressor é aquele que frequentemente implica com os outros, ou que lhes bate, ou que os arrelia ou que lhes faz outras coisas desagradáveis sem uma boa razão (Boulton & Smith, 1994).

Alguns estudos referem que os agressores têm dificuldade em fazer e manter amigos (Boulton, 1999). Relativamente à escola, os agressores sentem-se infelizes na mesma.

Noutros estudos são associadas as crianças agressoras a um maior envolvimento em comportamentos de risco para a saúde, tais como fumar, beber álcool ou usar drogas.

Os alunos considerados provocadores ou agressores na escola



têm, também, maior probabilidade de envolverem-se na delinquência e violência.



Os agressores tendem a pertencer a famílias que se caracterizam como tendo pouca afetividade, com problemas em partilhar os seus sentimentos e onde, normalmente, existe uma grande distância ou afastamento emocional entre os seus membros (DeHaan, 1997). Os pais das crianças agressoras usam mais a crítica do que o elogio ou o encorajamento e negligenciam em ensinar aos seus filhos que a agressão não é aceitável (Greenbaum et al., 1994; Olweus, 1991), tendendo a usar uma disciplina inconsistente e pouca monitorização sobre onde os filhos estão ao longo do dia (Batsche & Knoff, 1994; Olweus, 1991). Apresentam ainda skills de resolução de problemas pobres ou agressivos (Suderman et al., 2000). Por vezes caracterizam-se por terem estilos de disciplina muito punitiva e rígida, com os castigos físicos a serem frequentes (Greenbaum et al., 1994; Olweus, 1991).

Segundo Almeida (1995), as crianças agressoras são mais populares do que as vítimas. São crianças ativamente rejeitadas mas geralmente têm um, ou mesmo mais amigos que as apoiam nas suas práticas agressivas, dificilmente são crianças isoladas socialmente, como muitas vezes acontece com as suas vítimas.

#### **SINAIS DE ALERTA MAIS FREQUENTES**

Com base nos estudos internacionais relativos à temática, é possível e pertinente elencar um conjunto de sinais mais frequentes, evidenciados pelas vítimas de bullying (a nível da escola e trabalho escolar; social; físico e emocional/comportamental) e que é de extrema importância dar particular atenção:

##### **Escola e trabalho escolar:**

1. Mudança súbita na assiduidade / no desempenho acadêmico.
2. Assiduidade irregular
3. Perda de interesse no trabalho escolar / no desempenho acadêmico / nos trabalhos de casa.
4. Declínio na qualidade do trabalho escolar / do desempenho acadêmico.
5. Sucesso acadêmico; parece ser “um menino do professor” (nerd).
6. Dificuldade em concentrar-se nas aulas; distrai-se com facilidade.
7. Vai para o intervalo mais tarde e regressa à sala mais cedo.
8. Tem uma dificuldade de aprendizagem.
9. Falta de interesse pelas atividades / eventos patrocinados pela escola.
10. Desiste de atividades de que gosta

#### **Social**

1. Solitário, retraído, isolado.
2. Competências sociais / interpessoais inexistentes ou fracas.
3. Sem amigos, ou com menos amigos do que os outros alunos, impopular, muitas vezes / sempre o último a ser escolhido para grupos ou equipes.
4. Falta de sentido de humor, usa um humor inapropriado.
5. Frequentemente alvo de troça, riem-se dele, provocam-no, importunam-no, rebaixam-no, e/ou chamam-lhe nomes, não se

afirma a si mesmo.

6. Frequentemente maltratado, pontapeado e/ou agredido por outros alunos, não se defende.
7. Usa linguagem corporal de “vítima” – ombros descaídos, cabeça baixa, não olha as pessoas nos olhos, recua em relação aos interlocutores.
8. Apresenta uma diferença notória que o destaca dos seus colegas.
9. É oriundo de uma tradição cultural, étnica e/ou religiosa, que o coloca em minoria em relação aos seus companheiros.
10. Prefere a companhia dos adultos durante o almoço ou em tempos livres.
11. Provoca, importuna, injuria e irrita os outros; não sabe quando deve parar.
12. Subitamente, começa a ser um bully com os seus companheiros.



#### Físico

1. Frequentemente “doente”.
2. Frequentes queixas de dores de cabeça, de estômago, e outras.
3. Arranhões, nódoas negras, roupas rasgadas ou outros pertences estragados, para os quais não há explicações óbvias.
4. Repentina gaguez ou tartamudez.

5. Tem uma deficiência física.
6. Apresenta uma diferença física que claramente o destaca dos seus pares – usa óculos, é obeso, aparência “esquisita”, caminha de uma forma “esquisita”, etc.
7. Alteração nos hábitos alimentares, perda súbita de apetite.
8. Desastrado, descoordenado, fraco em todos os desportos.
9. Mais pequeno do que os seus colegas.
10. Fisicamente mais fraco do que os seus colegas.

#### **Emocional / Comportamental**

1. Súbita alteração de humor ou de comportamento.
2. Passivo, tímido, calado, envergonhado, mal-humorado, isolado.
3. Nenhuma ou baixa autoconfiança/autoestima.
4. Poucas ou nenhuma competências de assertividade.
5. Extremamente sensível, cauteloso, dependente de outros.
6. Nervoso, ansioso, preocupado, temeroso, inseguro.
7. Chora com facilidade e/ou com frequência, torna-se emocionalmente perturbado, tem oscilações extremas de humor.
8. Irascível, impulsivo, agressivo, tenta dominar (mas perde sempre).
9. Culpa-se a si mesmo pelos problemas/dificuldades.
10. Excessivamente preocupado com a sua segurança pessoal; dispende muito tempo e esforços pensando/preocupando-se com a sua segurança nos trajetos de ida e volta para a cantina, para o quarto de banho,

para o cacifo, durante os intervalos, etc., evita certos locais da escola.

11. Fala sobre fugir de casa.

12. Fala sobre suicídio.

É extremamente importante que todos aqueles que diariamente interagem com a criança (professores, pais, técnicos, funcionários, etc.), ou mesmo ocasionalmente (médico de família) estejam atentos à manifestação sistemática destes sinais, para que se possa intervir tão precocemente quanto possível.



Fonte:

**Estudo do bullying em contexto escolar numa atmosfera do 3º ao 9º ano de escolaridade (2007)** - Dissertação de mestrado de César Filipe dos Santos Alves Flores, do Departamento de Ciências e Educação da Universidade de Aveiro: “(...) alguns estudos indicam que o bullying é uma das maiores preocupações dos jovens entre os 10 e os 18 anos de idade, provavelmente porque um número elevado deles já esteve envolvido em incidentes de agressividade, quer como vítimas, quer como agressores. Estudos realizados em diferentes países (Olweus, 1989; Whitney & Smith, 1993), mostraram que o bullying nas escolas está difundido e é um problema internacional. Nas escolas portuguesas foi feito um levantamento da situação do 1º ano ao 6º ano de escolaridade obrigatória, com idades sobretudo entre os 6 – 12 anos (Pereira, Almeida, Mendonça & Valente, 1996). O presente trabalho pretendeu estudar numa forma tão empírica quanto possível a temática do bullying, fazendo um levantamento da revisão de literatura sobre o mesmo e procurando respostas para algumas questões levantadas relativamente ao bullying e às suas características. Para tal procedemos a um estudo através dum questionário de auto-preenchimento pelos alunos, para ficar a conhecer o seu quotidiano escolar, no que à violência escolar e, mais particularmente ao bullying diz respeito. Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente em função dos objetivos do trabalho. Foram encontradas correlações estatisticamente significativas e negativas no que diz respeito ao bullying em função da idade. Também foram encontradas algumas diferenças relativas ao bullying, particularmente no que se refere a algumas das suas características, em função do género. Foram adiantadas algumas explicações possíveis para os resultados obtidos”.

[Disponível on-line »](#)

## Definindo o conceito de Cyberbullying



Cyberbullying é o termo usado para descrever atos intencionais e repetidos de ameaça e ofensa, através da utilização de tecnologia, em particular dos telemóveis e da Internet. Através do correio eletrónico, dos sites, ou dos chats tem-se tornado possível levar a cabo ameaças e chantagens a cobro do anonimato.

É uma forma de extorsão menos frequente, mas que tem vindo gradualmente a desenvolver-se, configurada em situações como envio de mensagens por telemóvel/celular (SMS) persecutórias ou o envio de fotografias ofensivas. Exemplo disso mesmo é o envio de mensagens por celular ameaçadoras ou a colocação de fotografias na Internet. Em alguns países, como é o caso do Canadá, este tipo de ações já está legalmente configurado como ato criminal, passível de sanção, sendo expressamente proibido o envio de mensagens a ferir ou insultar alguém.

Um efeito do anonimato que a Internet permite, é o fato de frequentes vezes as vítimas se converterem, também elas, em agressores, servindo-se da rede virtual para se vingarem dos

seus agressores. Se “na vida real”, a hostilização é exercida pelo mais forte, na Internet pode ser exercida por qualquer um.

Embora, na maioria das vezes estes meios tenham uma aplicação e utilidade positiva, mesmo do ponto de vista pedagógico, têm sido inúmeros os casos em que o utilizador, por incúria ou inexperiência, tem sido seriamente lesado.

**Stalking** é o termo usado quando há uma perseguição que envolve um comportamento ameaçador, no qual o perpetrador procura repetidamente contacto com uma vítima através de proximidade física e/ou chamadas telefônicas, mas também através de meios eletrônicos, como o correio eletrónico (e-mail), mensagens instantâneas e mensagens nas redes sociais (**cyberstalking**).

“A expressão “cyberbullying” carece de tradução formal em português. É uma palavra composta, sendo o “cyber” relativo ao uso das novas tecnologias de comunicação (correio electrónico, telemóveis, etc.) e o “bullying” relativo ao fenómeno dos maus-tratos por parte de um rufião (“bully”) ou grupo de rufiões.

O cyberbullying consiste no ato de, intencionalmente, uma criança ou adolescente, fazendo uso das novas tecnologias da informação, denegrir, ameaçar, humilhar ou executar outro qualquer acto mal-intencionado dirigido a outra criança ou adolescente.

Um cyberbully pode tornar-se, no momento seguinte, também ele uma vítima. É frequente os jovens envolvidos neste fenómeno mudarem de papel, sendo os maltratantes numa altura e as vítimas noutra.

Envolvendo três vetores (bully – vítima - novas tecnologias da informação e comunicação), o cyberbullying é um fenómeno em rápido crescimento, em particular no mundo da Internet.

Por ser um fenómeno que envolve crianças e adolescentes, com todas as sensibilidades e percursos desenvolvimentais cruciais próprios destas idades, carece de especial atenção por parte de todos os pais e educadores. Embora sejam, na sua maioria, eventos ultrapassáveis, algumas vítimas de bullying chegam a tentar o suicídio, provando que não devemos encarar tal situação de ânimo leve.

[Projeto Internet Segura \(acesso em 24 de Outubro de 11\)](#)

Os métodos usados por um cyberbully são os mais variados. O que motiva os rufiões cibernéticos são as mais variadas razões,



que vão desde o gozo de ver o outro a ser humilhado e atormentado, à vingança por também terem sido já alvos de cyberbullying.

Se, na escola, o maltratante era o rapaz ou moça em situação de maior poder (tamanho, idade ou outro), no mundo cibernético as regras “tradicionais” da rufiagem esbatem-se e o cyberbully pode ter os mais variados perfis.



## **TIPOS DE CYBERBULLYING**

### **Ameaças/perseguições**

Os cyberbullies servem-se do correio eletrónico, do IM e dos celulares (via SMS) para enviar mensagens ameaçadoras ou de ódio aos seus alvos.

Os rufiões podem-se fazer passar por outras pessoas, adotando “usernames” (nomes de utilizador) parecidos com os delas, para envolver outros inocentes no processo.

### **Roubo de identidade ou de senhas**

Ao conseguir acesso ilícito às senhas do seu alvo, o rufião serve-se delas para entrar nas variadas contas da vítima, causando os mais variados distúrbios:

Por e-mail: envia mensagens de conteúdo obsceno, rude ou violentos em nome dela para a sua lista contatos;

Por IM ou em chats: difunde boatos, faz-se passar pela vítima e ofende as pessoas com quem fala. Entrando nos sítios de Internet nos quais a vítima tem um perfil inserido, por exemplo, para conhecer

peças novas: altera o perfil de usuário dessa conta (incluindo, por exemplo, comentários de natureza racista, alterando o sexo do usuário ou inserindo itens que possam difamar a imagem do usuário legítimo da conta), ofendendo terceiros e atraindo a atenção de pessoas indesejadas. O rufião pode depois alterar as palavras-passe das várias contas, bloqueando assim ao seu legítimo proprietário o acesso às mesmas.

#### **Criação de páginas de perfil falsas**

O jovem mal-intencionado cria uma página pessoal na Internet acerca do alvo dos seus ataques, sem o conhecimento deste, na qual insere todo o tipo de informações maldosas, trocistas ou falsas, além de poder conter dados reais, como a morada da vítima. Seguidamente, faz chegar a terceiros a morada desta página, para que o maior número de pessoas a veja. Este tipo de difusão de informação pode, por vezes, ter as características de uma epidemia, espalhando-se rapidamente pelos cibernautas.

Esta atitude pode ter consequências perigosas, dado poder informar outros utilizadores menos bem intencionados (por exemplo, um pedófilo) onde poderá encontrar este jovem na vida real, colocando a sua vida em potencial risco.

#### **O uso dos blogues**

Há cyberbullies que se servem dos blogues para difundir dados lesivos a respeito de outras pessoas, seja escrevendo nos seus blogues pessoais, seja criando blogues em nome das suas vítimas.

#### **Envio de imagens pelos mais variados meios**



O rufião envia mensagens de correio eletrónico em massa para outros cibernautas, contendo imagens degradantes dos seus alvos. Estas imagens podem ser reais ou montagens, e podem difundir-se rapidamente, minando elesando grandemente a imagem da vítima.

#### **Sítios de votação**

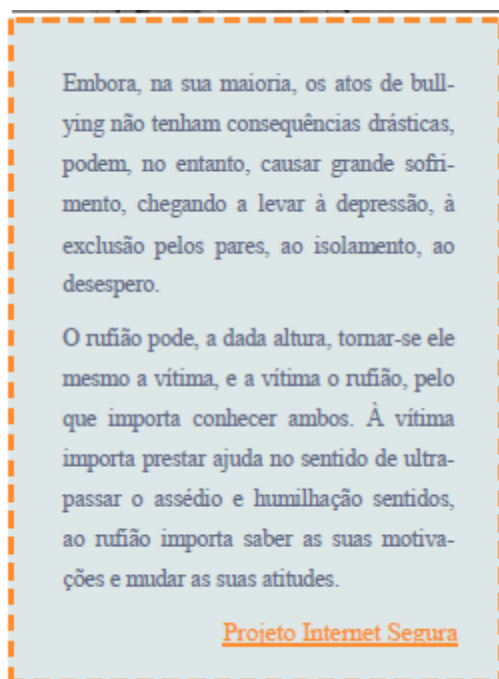
Existindo variados sítios de Internet onde se pode votar acerca dos mais variados assuntos, é possível a um jovem criar o tema de “A Mais Impopular”, “O Mais Gordo”, etc., visando quem deseja incomodar.

#### **Envio de vírus**

Não se pense que o envio de vírus é exclusivo dos adultos. Com a crescente precocidade dos cibernautas mais jovens, uma forma de prejudicar os seus pares pode ser enviar-lhes vírus para lhes infectar o computador, roubar palavras-passe (veja “Roubo de identidade ou de palavras-passe”, mais acima) e causar incômodos.

#### **Inscrições em nome da vítima**

É perfeitamente possível um cibernauta inscrever-se num determinado sítio de Internet usando os dados de outra pessoa. Os locais escolhidos costumam ser sítios de pornografia, fóruns racistas ou outros que sejam contrários à ideologia da vítima. O resultado disto é esta ser “inundada” de e-mails que não são do seu interesse, podendo os mesmos até ser nocivos.



## BOAS PRÁTICAS DOS UTILIZADORES TENDO EM VISTA A PREVENÇÃO DO CYBERBULLYING

### Alguns conselhos do PROJECTO DADUS

Apesar dos muitos riscos enunciados, é possível minimizá-los substancialmente, desde que se adotem as necessárias precauções e comportamentos corretos na utilização das redes sociais.

É fundamental que os jovens estejam bem conscientes dos riscos que correm. Isso já é meio caminho andado. A palavra-chave é não divulgar informação pessoal e respeitar escrupulosamente informação que detemos sobre outras pessoas.

Para tal, deixamos aqui um conjunto de boas práticas a observar quando se usa uma rede social.

### **A) Utilização de pseudônimos**

- Deve pensar-se duas vezes antes de se usar o nome verdadeiro num perfil e, pelo menos, nunca dar o nome completo. É preferível utilizar um pseudônimo (discreto, que não chame muito a atenção sobre a pessoa) e, melhor ainda, usar esse pseudônimo só para efeitos desse perfil numa rede social. Usar diferentes pseudônimos em diferentes plataformas, pois dificulta a agregação de informação.

### **B) Não disponibilizar informação pessoal**

- Nunca dar o endereço, o número de telefone, a data de nascimento, ou quaisquer outros dados que permitam a nossa localização. Não revelar a escola ou a turma e o horário das aulas (há escolas que têm os horários nos seus websites), o nome dos professores, ou outras informações que, sem grande esforço, permitem indiretamente enquadrarem-nos. Mesmo quando se pensa que se está anônimo, não é preciso ser um gênio para combinar algumas pistas e descobrir quem somos ou onde estamos.
- Utilizar um nome de utilizador e uma senha diferente de qualquer outra só para aceder à rede social.
- Pensar bem antes de decidir pôr uma fotografia pessoal no perfil. Há sempre outras opções de imagem, até bem engraçadas, que não comprometem a identidade. Estar consciente que se perde o controle da fotografia, pois qualquer pessoa pode copiá-la, editá-la (fazendo montagens nada agradáveis ou mesmo humilhantes) e publicá-la.
- Informações detalhadas sobre o cotidiano, pormenores da vida familiar ou segredos entre amigos, não devem ser partilhados online.
- Relembrar que uma vez publicada informação na Internet, não é possível retirá-la. Mesmo apagando os dados do site, versões antigas já existem no computador de alguém.

### **C) Respeitar a privacidade dos outros**

Participar numa rede social deve ser um ato de responsabilidade. E mesmo quando uma pessoa está disposta a correr certos riscos pessoais, nunca deve pôr em perigo a privacidade de outros, sejam amigos, familiares ou simplesmente conhecidos.

Não se deve nunca revelar informação sobre outras pessoas, a reboque da nossa própria informação, a menos que essas pessoas consentam claramente nisso. Isto é tanto mais importante quando se trata de publicar fotografias de grupo, às quais muitas vezes se associam os nomes (verdadeiros) ou outra informação que permite identificar e/ou localizar as pessoas.

Convém também ter presente que a publicação ilegal de imagens é crime, pelo que pode ser sancionada.

### **D) Restringir as pessoas que podem ter acesso ao perfil**

- Uma das regras mais importantes que se deve observar quando se cria um perfil numa rede social é restringir o leque de pessoas que pode ter acesso às nossas informações pessoais.
- Deve-se escolher, por isso, uma rede social que tenha opções que permitam ao utilizador controlar com quem partilha informação (grupo de amigos da escola, do clube, da equipe, da família, de outros grupos comunitários). Assim, é possível escolher exatamente a quem se dá acesso ao nosso perfil, evitando a difusão em massa dos nossos dados pessoais na Internet.
- Escolher criteriosamente quem se adiciona como amigo, abrindo a porta a tudo o que está relacionado com o nosso perfil. Os índices de popularidade pelo número de “amigos” virtuais que se tem são engodos para recolher informação pessoal.
- Do lado de lá, também pode estar alguém com identidade disfarçada, que diz ser uma pessoa, sendo afinal outra. E uma fotografia continua a não ser prova bastante.
- Não se deve reconhecer como amigo quem não se conhece verdadeiramente. Mesmo quando parece que aquela pessoa tem tudo a ver connosco e nos compreende, confidenciar-lhe aspetos privados da nossa vida é correr um risco muito elevado. Muitas vezes, as supostas afinidades que parecem estabelecer-se (os mesmos gostos musicais, cinematográficos ou de hobbies) não são mais do que investidas de estranhos mal intencionados.

#### **E) Ter atenção quando um “amigo” virtual quer um encontro**

Se acontecer um desses “amigos” virtuais sugerir um encontro pessoal (o que pressupõe já saber aproximadamente em que localidade se vive ou pretender saber), nunca comparecer a esse encontro sozinho(a). Antes de mais, deve informar-se os pais e conversar com eles sobre isso. Se decidir comparecer no encontro, ir sempre acompanhado (a), pelo menos por amigos em quem se confia. O encontro deve ser num local público, durante o dia, e deve sempre dizer-se a um adulto onde se vai e quando se espera regressar.

#### **F) Como agir em caso de ameaças**

- Se um jovem se sentir perseguido, humilhado, ofendido ou ameaçado por alguém ou por alguma coisa que se tenha passado online, enfim se estiver a ser vítima de cyberbullying:
- Reportar a situação a um adulto da sua confiança e insistir até que o adulto tome providências;
- Não abrir ou ler mensagens provenientes de cyberbullies, mas não as apagar, pois podem vir a ser necessárias para tomar medidas;
- Expor a situação à escola (professores, diretor de turma, conselho executivo) se o caso estiver relacionado com a escola;
- Nunca concordar encontrar-se com a pessoa que apenas conheceu online;
- Se for fisicamente ameaçado, pedir aos pais que informem a polícia.



**Conheça as armas de combate ao bullying.**

Navegue pela Internet e informe-se acerca de todos os meios de combate à disposição do cibernauta. A vítima não precisa de sofrer passivamente este tipo de ataques, existem formas de resolução, nomeadamente, reportando ao responsável pelo sítio de Internet a situação de abuso ou à operadora de telecomunicações.

Se entender que o bullying assume contornos realmente nocivos, contate a polícia.



#### **AS CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS DA PRÁTICA DO BULLYING**

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Cap. II, art. 15º, a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e a dignidade como pessoas humanas e sociais, garantido na Constituição e nas leis.

O Estatuto foi criado em 1990 para garantir os direitos e deveres de crianças e adolescentes. Porém, nem todos os direitos estão sendo assegurados, e crianças e adolescentes padecem sendo vítimas de todos os tipos de agressões, e, uma delas foi denominada como *bullying*.

São muitos os motivos que levam uma criança ou adolescente a praticar este ato violento contra seu semelhante. Pode-se dizer,

então, que os agressores também são vítimas de um sistema maior que não os possibilita viver com dignidade.

Algumas pesquisas apontam que os autores de *bullying* vêm de famílias pouco estruturadas, com pobre relacionamento afetivo entre seus membros, são pouco supervisionados pelos seus pais e vivem em ambientes onde o modo de resolver problemas é baseado no uso de comportamentos agressivos ou explosivos (BALLONE, 2005).

Os autores de *bullying* pertencem a famílias desestruturadas, onde existe pouco relacionamento afetivo entre seus integrantes. Seus pais exercem pouca supervisão sobre eles, tolerando e oferecendo como meio para resolver os conflitos, o comportamento agressivo ou explosivo (ABRAPIA, s/d).

Algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças. Pode-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação dos pais (NETO, 2005, p. 67).

Conforme especialistas as causas desta prática são muitas e variadas, dentre elas, estão a carência afetiva, a ausência de limites e a maneira de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, através de práticas educativas que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas (FANTE s/d).

De acordo com Neto (2005), características individuais também influenciam na prática de comportamentos agressivos, tais como, hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, baixos índices inteligência e desempenho escolar deficiente.

Experenciarmos o *bullying* como vítima ou como agressor têm conseqüências negativas imediatas com reflexo no decorrer da vida. As implicações a curto, médio e em longo prazo da agressão / vitimização não permitem que se continue a enfrentar



o problema das crianças agressivas ou das vítimas como um "treino para a vida" (PEREIRA, 2002).

Ainda segundo Pereira (2002), as vítimas experienciam com maior frequência a pouca aceitação, rejeição ativa e são menos escolhidas como melhores amigos, e apresentam fracas habilidades sociais, tais como, cooperação, partilha e capacidade de ajudar aos outros.

De acordo com Neto (2005), vítimas, agressores e testemunhas enfrentam conseqüências físicas e emocionais de curto e longo prazo, as quais podem gerar dificuldades acadêmicas, sociais, emocionais e legais. Logicamente, as crianças e adolescentes não são atacadas de forma uniforme, mas há uma relação direta entre frequência, duração e severidade dos atos de *bullying*.

[...] O caráter persistente do bullying tem aspectos marcadamente negativos para as vítimas que são diretamente atormentadas no seu dia-adia e afetadas no seu rendimento escolar, mas igualmente pelos efeitos a longo prazo que lhe estão associados, tais como a depressão na vida adulta [...] (PEREIRA, 2002, p. 20).

Segundo Fante (2005), as conseqüências desse tipo de agressão afeta todos os envolvidos e em todos os níveis, porém a vítima é particularmente afetada, de modo que esta pode continuar a sofrer seus resultados negativos, muito além do período escolar. Podendo inclusive trazer prejuízos em suas relações de trabalho, em sua futura constituição familiar e criação de seus filhos, além disso, pode ainda prejudicar sua saúde física e/ou mental.

Conforme Neto (2005), pessoas que sofrem bullying quando crianças têm maior tendência a sofrerem depressão e baixa auto-estima quando adultos. Do mesmo modo, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas relacionados a comportamentos anti-sociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros.

De acordo com Fante (s/d), as implicações para as vítimas desse

ato são graves e abrangentes, produzindo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, o baixo rendimento escolar, as faltas às aulas, e a evasão escolar. No que se refere à saúde física e emocional, a baixa resistência imunológica e na auto-estima, o estresse, os sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, a depressão e o suicídio.

Muitas crianças que sofreram com o *bullying* desenvolveram medo, pânico, depressão, distúrbios psicossomáticos e geralmente evitam voltar à escola. A fobia escolar usualmente tem como causa alguma forma dessa violência.

Outras crianças que sofrem *bullying* dependendo das características de sua personalidade e de seu relacionamento com o meio onde vivem, particularmente entre suas famílias, poderão não superar completamente os traumas sofridos no ambiente escolar. Elas tendem a crescer com sentimentos negativos e com baixa auto-estima, apresentando graves problemas de relacionamento no futuro. Poderão também assumir um comportamento agressivo, vindo a praticar o *bullying* no ambiente sócio ocupacional adulto e em casos extremos, poderão tentar ou cometer suicídio (BALLONE, 2005).

No que se refere aos praticantes de bullying (agressores), estes também sofrem com conseqüências advindas desse tipo de agressão.

De acordo com a ABRAPIA (s/d), os praticantes de bullying poderão ter na vida adulta o mesmo comportamento anti-social, adotando atitudes agressivas no ambiente familiar (violência doméstica) ou no ambiente de trabalho.

Pesquisas realizadas em vários países já apontaram para a probabilidade de que os autores de bullying na época da escola venham a se envolver, mais tarde, em condutas de delinquência ou criminosas.

De acordo com Pereira (2002), os agressores podem ter suas vidas destruídas, acreditar que a força é a solução para resolver seus problemas, dificuldades em respeitar a lei, e os problemas que daí advém entendendo as dificuldades na inserção social, incapacidade e/ou dificuldade de autocontrole e atitudes anti-

sociais.

Os agressores poderão sofrer com o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, a supervalorização da violência com um meio para obter poder, o desenvolvimento de capacidades para futuros atos delituosos, caminho que pode levá-lo ao mundo do crime, além da projeção desses comportamentos violentos na vida adulta, tornando-se um indivíduo de difícil convivência nas mais variadas áreas da vida: pessoal, profissional e social (FANTE, 2005).

De acordo com Ballone (2005), há fortes indícios de que as crianças ou adolescentes que praticam o bullying tenham grande tendência de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais, psicopáticos, e/ou violentos, tornando-se inclusive delinqüentes ou criminosos.

O agressor (de ambos os sexos) envolvido no fenômeno bullying estará propenso a adotar comportamentos delinqüentes, tais como: agressão a grupos delinqüentes, agressão sem motivo aparente, uso de drogas, porte ilegal de armas, furtos, indiferença à realidade de que o cerca, crença de que deve levar vantagem em tudo, crença de que é impondo-se com violência que conseguirá obter tudo o que quer na vida... afinal foi assim nos anos escolares (FANTE, 2005, p. 81).

Neto (2005) pontua que as crianças e adolescentes que sofrem e/ou praticam *bullying* podem vir a precisar de múltiplos serviços, tais como, saúde mental, justiça da infância e da adolescência, educação especial e programas sociais.

No que se refere às testemunhas, elas também são afetadas, pois convivem num ambiente de tensão, tornando-se inseguras e temerosas de que possam ser a próxima vítima (ABRAPIA, s/d).

Segundo Neto (2005, p. 68), "o simples testemunho de atos de *bullying* já é suficiente para causar descontentamento com a escola e comprometimento do desenvolvimento acadêmico e social".

Está garantido no ECA o direito a educação:

Art. 58º - No processo educacional respeitar-se-ão os valores culturais, artísticos e históricos próprios do contexto social da criança e do adolescente, garantindo-se a estes a liberdade de criação e o acesso às fontes de cultura.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (1991), Cap. II, Art. 17º o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, idéias, crenças, dos espaços e objetos pessoais.

De acordo com Fante (2005), os demais estudantes, na sua grande maioria, mesmo não estando envolvidos diretamente com o *bullying*, acabam sofrendo suas conseqüências, uma vez que o direito que tinham a uma escola segura, solidária e saudável, foi se esvaindo a medida em que estes atos de violência foram destruindo as suas relações interpessoais, gerando prejuízos ao seu desenvolvimento socioeducacional.

No Art. 18º do Cap. III, do Estatuto da Criança e do Adolescente está assegurado o seguinte direito: É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo-a a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.

A redução dos fatores de risco pode prevenir o comportamento agressivo entre crianças e adolescentes. Os esforços devem ser direcionados para a diminuição da exposição à violência no ambiente escolar, doméstico e comunitário, além daquela divulgada na mídia (NETO, 2005, p. 66).

Numa escola em que a premissa básica é o respeito, cooperação, amor, harmonia, responsabilidade e não-violência entre alunos, professores e demais funcionários, não será palco para o desenvolvimento de práticas violentas como o *Bullying*.

## **O FENÔMENO BULLYING NAS ESCOLAS**

De acordo com Marcílio (2005), a educação no Brasil iniciou com os jesuítas. O ensino era considerado razoável, mas para

poucos. Quando houve a expulsão da missão religiosa em 1749, foi criado o ensino das primeiras letras, em que as crianças aprendiam a ler, a escrever e a contar, além de aprender um pouco sobre a doutrina cristã. O professor dava aula na sua própria casa, em um corredor ou em um quarto.

Segundo Bencini (2005, p. 45), "nossa primeira escola foi fundada pelos jesuítas em 1542, na Bahia. O objetivo era propagar a fé e salvar a alma daqueles que não temiam a Deus, como os índios. [...]", porém estes objetivos se modificaram ao longo do tempo.

O conceito de escola que se conhece hoje seria: instituição de ensino ou uma corrente de pensamento com características cristalizadas e relativamente padronizadas que formam certas áreas do conhecimento e da produção humana, como por exemplo, a escola parnasiana e romântica na literatura.

A finalidade da educação não é promover a aquisição de notas e diplomas, a conquista de ótimos empregos e o ganho de dinheiro, mas sim formar indivíduos de caráter, éticos e felizes (MESQUITA, 2003).

A educação é compreendida como uma forma de prover o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania (NETO, 2005).

De acordo com Silva (2006, p. 12) "[...] a instituição escolar, assim como os outros setores da sociedade, também estão passando por profundas alterações, tanto no ensino/aprendizagem quanto na esfera relacional dos seus diferentes agentes. [...]".

Conforme Polato (2007), atualmente vivemos num período de crise da educação, onde o papel da escola não está mais claro. Sua finalidade já não é somente ensinar conteúdos educacionais tradicionais. O espaço escolar vai, além disso, tornando-se um espaço de interação entre seus participantes, é um lugar onde as crianças e adolescentes aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, auto-estima e segurança.

Esta crise na educação é reflexo de muitos fatores, dentre eles: a desestruturação familiar, o desemprego, problemas sociais, o tráfico de drogas, roubos, tiroteios, más-condições de moradia, etc.

Segundo Ruotti (2007 apud POLATO, 2007), a violência tem muitas causas e existe tanto na escola pública quanto na privada. Na pública existe precarização de recursos físicos e humanos e na privada a educação tem se transformado até se mercantilizado, ou seja, não é mais a autoridade pelo conhecimento, mas sim pelo que eu adquiro e vendo.

Ruotti (2007 apud POLATO, 2007), ainda alerta que o desrespeito entre os alunos ou entre alunos e professores é um fator muito grave. Sendo que, muitas vezes, esses casos são considerados normais ou nem são reconhecidos.

Na sociedade em que se vive a violência nas escolas constitui um problema social grave e complexo, sendo provavelmente a maneira mais freqüente e perceptível da violência juvenil (NETO, 2005).

Pesquisas realizadas por Codo (1999 apud SISTO, 2005, p. 118), "as situações mais freqüentes relatadas por professores foram depredações, furtos ou roubos em relação à escola, agressões físicas entre alunos e agressões de alunos contra professores".

Segundo Abramovay (2006 apud FERRARI, 2006, p. 31):

Não é por acaso que depredações, arrombamentos e furtos atendem pela maior parte das atitudes de violência na escola. Os alunos não vêem sentido na instituição escolar e, ao contrário de perceber este local como sendo de todos, o consideram como de ninguém [...].

Conforme Neto (2005), a escola é de suma importância para crianças e adolescentes, os que não gostam dela têm maior chance de apresentar um fraco desempenho, além de comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou

sentimentos de insatisfação em relação a sua vida. Os relacionamentos interpessoais positivos e o estabelecimento acadêmico determinam uma relação direta, na qual os estudantes que percebem este apoio terão maiores possibilidades de alcançar um excelente aprendizado. Sendo assim, a aceitação entre colegas é primordial para o desenvolvimento da saúde entre crianças e adolescentes, aperfeiçoando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação perante situações de tensão.

Segundo Nogueira (2005), a violência no ambiente escolar no Brasil e no mundo deriva tanto da situação de violência social que atinge os estabelecimentos (violência na escola), como pode apresentar modalidades de ação que se originam no ambiente pedagógico, neste caso a violência da escola.

Portanto, a violência da escola e a violência na escola abarcam uma série heterogênea e complexa de fenômenos, dentre eles o *bullying* escolar. Ainda sobre esta evidência Neto (2005, p.66), aponta:

Fatores econômicos, sociais e culturais, aspectos inatos de temperamento e influências familiares, de amigos, nas escolas e da comunidade, constituem riscos para a manifestação do bullying e causam impacto na saúde e desenvolvimento de crianças e adolescentes.

De acordo com a ABRAPIA (s/d), o bullying é um problema que atinge o mundo todo, sendo encontrado em toda e qualquer escola, e não se restringindo a nenhum tipo de instituição, seja ela primária, secundária, pública ou particular, rural ou urbana. Pode-se dizer que as escolas que não admitem a ocorrência de bullying entre seus estudantes ou não têm conhecimento sobre o assunto, ou se negam a enfrentá-lo, levando crianças e adolescentes a muitas vezes não falarem sobre o que está ocorrendo consigo e a achar que eles são culpados por sofrerem tais agressões.

Ainda segundo Nogueira (2005), este é um problema que atinge escolas, comunidades e a sociedade em geral. Há violência moral, intimidação ou *bullying* nas escolas do mundo todo.

Conforme Neto (2005, p. 66), "o *bullying* é mais prevalente entre alunos com idades entre 11 e 13 anos, sendo menos freqüente na educação infantil e no Ensino Médio".

Ao contrário da constatação de Neto, Schafer (2005), argumenta que os agressores podem ser reconhecidos cedo, já na educação primária. Mesmo tendo pouca idade, as crianças são capazes de organizar um cerco contra determinadas crianças. Elas parecem estar sempre em busca de uma nova vítima.

Segundo Cavalcante (2004), uma pesquisa realizada em onze escolas da cidade do Rio de Janeiro pela ABRAPIA mostrou que 60,2% dos casos acontecem em sala de aula.

De acordo com Fante (2005, p. 47):

É comum entre os alunos de uma classe a existência de diversos tipos de conflitos e tensões. Há ainda inúmeras outras interações agressivas, às vezes como diversão ou como forma de auto-afirmação e para se comprovarem as relações de força que os alunos estabelecem entre si. Caso exista na classe um agressor em potencial ou vários deles, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos, promovendo interações ásperas, veementes e violentas.

Como o *bullying* não é somente qualificado como agressão física, sendo também muitas vezes caracterizado pelas agressões verbais, essa prática sedestaca em sala de aula, através de xingamentos e apelidos, e como culturalmente essa forma de agressão não é vista como prejudicial ao indivíduo, esses atos ocorrem a toda hora, em qualquer sala de aula de qualquer escola como se fosse algo natural e sem importância, então, não necessita ser combatido.

De acordo com Neto (2005, p. 66), "A aparente aceitação dos adultos e a conseqüente sensação de impunidade favorecem a perpetuação do comportamento agressivo".

Cavalcante (2004) aponta que existem diferenças entre meninos e meninas no que diz respeito à prática do *bullying*, isso devido aos



papéis sociais e culturais no qual estes estão inseridos. Entre os meninos é mais perceptível à prática por meio de seus atos agressivos que podem ser: chutar, gritar, empurrar, bater. Já entre as meninas a prática se caracteriza através de "fofoquinhas", boatos, olhares, sussurros e exclusão.

Entre os agressores, observa-se um predomínio do sexo masculino, enquanto que, no papel de vítima, não há diferenças entre os gêneros. O fato de os meninos envolverem-se em atos de *bullying* mais comumente não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm maior probabilidade de adotar esse tipo de comportamento. Já a dificuldade em identificar-se o *bullying* entre as meninas pode estar relacionado ao uso de formas mais sutis (NETO, 2005, p. 66).

Ainda de acordo com a pesquisa realizada pela ABRAPIA, no que se refere à classe social dos estudantes, das onze escolas pesquisadas, nove eram públicas e apenas duas particulares. O estudo mostrou que não houve diferenças a respeito da incidência de *bullying*. O que se observou foi o modo com que ele é praticado, e que varia de uma escola para outra.

Nas escolas privadas, são valorizados os bens-materiais do indivíduo como: carro, tênis importado entre outros. Nessas escolas, não ter algum tipo desses bens pode causar perseguições e exclusões. Já nas escolas públicas, o principal motivo é a violência vivenciada todos os dias pela comunidade.

Sejam meninos ou meninas, crianças ou jovens, de escolas particulares ou públicas, é necessário evitar o sofrimento dos alunos. A pesquisa ainda revela que 41,6% das vítimas em nenhum momento buscaram ajuda ou comentou sobre o problema, nem mesmo com outros alunos. Muitas vezes, quando o aluno resolve conversar, não recebe a devida atenção, pois a instituição educacional não considera o problema grave, deixando o aluno sem apoio, e a queixa passa sem ajuda alguma.

Além disso, muitas vezes os profissionais da educação desconhecem o tema, ou ainda fazem que não percebem a

situação, pois ignoram as formas de ajudar os alunos envolvidos.

Para Silva (2006), os educadores não conseguem detectar os problemas, e, muitas vezes, também demonstram desgaste emocional originado do seu dia-adia sobrecarregados de trabalhos e conflitos em seu ambiente de trabalho. Em razão disso, muitas vezes, alguns educadores contribuem com o agravamento do problema, através da rotulação com apelidos pejorativos ou reagindo de forma agressiva ao comportamento indisciplinado de alguns colegas.

Ainda de acordo com Neto (2005, p. 68), "a negação ou indiferença da direção e professores, pode gerar desestímulo e a sensação de que não há preocupação pela segurança dos alunos".

De acordo com Neto (apud CAVALCANTE, 2005), a escola não deve ser somente um lugar de ensino formal, mas também deve exercer um papel na formação cidadã, de direitos e deveres, amizade, cooperação e solidariedade. Agir contra o *bullying* é uma maneira barata e eficaz de diminuir a violência entre alunos e na sociedade em geral.

Porém, a realidade demonstra outro panorama, agressões são freqüentes no ambiente escolar, atualmente não é raro se deparar, através dos meios de comunicação com notícias de agressão entre estudantes e até entre a equipe de profissionais que trabalham em escolas.

Segundo Fante (2005), em Janeiro do ano de 2003, na cidade de Taiúva localizada no interior do Estado de São Paulo, um adolescente de 18 anos de idade entrou na escola que havia estudado, e feriu oito pessoas, entre elas, seis alunos, um funcionário e a vice-diretora, logo após o ocorrido, ele suicidou-se.

E. F. de 18 anos de idade era um jovem normal, Ensino Médio completo, bom aluno, calmo, reservado e educado. Não fumava, bebia ou consumia drogas. Nasceu e cresceu em Taiúva. O pai, lavrador, tudo fazia pelo filho único, obeso, que odiava o apelido "gordo", seguiu um regime e emagreceu 30 quilos. Segundo a

diretora da escola, "ficou muito bonito" (DINES, 2003).

Numa tarde de segunda-feira, E. F. invadiu a escola e, armado com um revólver 38, fez 15 disparos: feriu seis alunos - dois em estado grave -, uma professora e o caseiro. Depois se matou com um tiro na cabeça. No bolso, outras 89 balas. Em casa, outro revolver, este calibre 22.

Um ano após o ocorrido na cidade de Taiúva, em Fevereiro de 2004, na cidade de Remanso que fica localizada no Estado da Bahia, um adolescente de 17 anos matou a tiros um colega de escola que tinha 13 anos, a secretária do curso de informática e feriu mais três pessoas. Este garoto não conseguiu se suicidar, pois foi desarmado, mas a intenção do garoto era se suicidar (FANTE, 2005).

De acordo com Alves (2005), na cidade de Remanso, na Bahia, D., um adolescente de 17 anos, tímido e introvertido, foi excluído do círculo de colegas da escola. Revoltado com os anos de humilhações a que fora submetido, resolveu acabar com essa situação. Instigado por sentimentos de vingança foi à escola, que estava fechada. Dirigiu-se então à casa do seu agressor principal. Lá chegando chamou-o pelo nome e o matou na porta da casa com um tiro na cabeça. Dirigiu-se então à escola de informática onde estava matriculado, a procura daqueles que lhe haviam tirado a alegria de viver. Atirou em funcionários e alunos, atingindo fatalmente na cabeça uma secretária. Quando tentava recarregar a arma foi imobilizado e detido.

Além desses casos ocorridos no Brasil, há também o caso mais recente ocorrido no dia 16 de Abril de 2007, em uma Universidade dos Estados Unidos - Virginia Tech - onde o estudante coreano C. S.H. de 23 anos, atirou contra colegas e matou 32 deles. Após o ataque o estudante se suicidou.

Assim como os estudantes brasileiros C., era vítima de *bullying*, pois era excessivamente tímido, e tinha um jeito de falar "estranho", sendo assim, era ridicularizado pelos seus colegas, motivo pelo qual o levou a praticar o massacre, contra eles.

Nos três casos citados acima, os estudantes sofreram humilhações, exclusões, difamações, etc., por parte de seus colegas, o que gerou um sentimento de revolta por parte deles, motivando - lhes a tais comportamentos.

Diante destas tragédias, alguns educadores, psicólogos e outros profissionais, atentaram para o caso, e atualmente desempenham um projeto que tem como finalidade combater e prevenir a respeito de tal fenômeno - *bullying*.

Especialistas e educadores de todo mundo, com o apoio de instituições públicas e privadas, têm proposto às autoridades educacionais a criação de programas especiais de combate e prevenção ao *bullying* nas escolas.

Diversas pesquisas e programas de intervenção antibullying vêm se desenvolvendo na Europa e na América do Norte, visando principalmente conscientizar toda a comunidade escolar sobre o fenômeno e sensibilizá-la sobre a importância do apoio às vítimas, buscando encaminhá-las para tratamentos clínicos, encorajá-los à denúncia, além de fazer com que se sintam protegidas (FANTE, 2005, p. 82).

Ainda segundo Fante (2005), já no Brasil, o tema violência tem sido destaque em todas as escolas, razão pela qual são muitos os projetos e programas que estão sendo desenvolvidos, com o objetivo de diminuir a violência escolar, sendo o foco específico à violência explícita. No entanto, são insuficientes as informações que se tem a respeito do desenvolvimento de programas educacionais que incluam o combate e a prevenção do *bullying* em nossas escolas.

São conhecidos apenas dois programas de combate ao *bullying* no Brasil, são eles: - Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes - desenvolvido pela ABRAPIA, e o Programa Educar para a Paz - desenvolvido por Cleo Fante, que é uma educadora que pesquisa a questão da violência nas escolas brasileiras, dedicando-se especificamente ao fenômeno *bullying*.

O projeto desenvolvido pela ABRAPIA abrange 11 (onze) escolas

que se localizam no Município do Rio de Janeiro e tem como finalidade sensibilizar educadores, famílias e sociedade para a existência do fenômeno e suas consequências, procurando despertá-los para o reconhecimento de que toda a criança e adolescente devem frequentar uma escola segura e solidária, formando cidadãos conscientes do respeito ao ser humano e as suas diferenças (ABRAPIA, s/d).

De acordo com a ABRAPIA (s/d apud FANTE 2005), a implantação de um programa de prevenção e redução do bullying deveria ter como base três premissas para que se consiga alcançar seu objetivo, são elas:

- Não há soluções simples para a solução do bullying, este fenômeno é complexo e variável;
- Cada escola desenvolveria suas próprias metas e estabeleceria suas prioridades no combate ao bullying;
- O único meio de obtenção do sucesso na diminuição da prática do bullying é a cooperação de todos os envolvidos: alunos, professores, gestores e pais.

Conforme Fante (2005), o programa "Educar para a Paz", foi o pioneiro no Brasil, resultando na diminuição significativa do comportamento *Bullying* entre os estudantes, de uma escola pública de São José do Rio Preto.

[...] Este programa é composto de estratégias psicopedagógicas e socioeducacionais que visam à intervenção e à prevenção da violência nas escolas, com enfoque específico na redução do fenômeno bullying entre os escolares [...] (FANTE, 2005, p.90).

De acordo com o site "Diga não ao Bullying" (2007), além desses programas, a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo aprovou no dia 29 de Agosto, um projeto de Lei que obriga tanto as escolas públicas quanto às privadas, a adotarem medidas de prevenção ao combate do bullying. A lei contempla também, os educadores que muitas vezes, também são vítimas dessa forma de violência.

A lei prevê que cada escola crie uma equipe multidisciplinar com a participação de professores, alunos, pais e voluntários. A equipe promoverá atividades didáticas, informativas e preventivas, além de campanhas de conscientização.

O programa prevê ainda o encaminhamento das vítimas e dos agressores aos serviços de assistência médica, social,

psicológica e jurídica proporcionados mediante a parcerias e convênios.

As normas adotadas pela escola para o controle do bullying, se bem aplicadas e envolvendo toda a comunidade escolar, colaborarão positivamente para a construção de uma cultura de não violência na sociedade (ABRAPIA s/d).

De acordo com Fante (2005), para que se possam desenvolver programas de intervenção e combate ao bullying em uma escola é preciso que a comunidade escolar esteja consciente da existência desse fenômeno e, sobretudo das consequências geradas a partir desse tipo de comportamento.

#### MANEIRAS DE PRATICAR O BULLYING E SEUS PROTAGONISTAS

Segundo Neto (2005) bullying pode ser classificado de duas maneiras: indireta e direta.

O *bullying* direto caracteriza-se pelo ataque as vítimas diretamente, sendo utilizados neste ataque as seguintes atitudes: colocar apelidos, agressões físicas, fazer ameaças, roubar, ofensas verbais ou expressões e gestos que provoquem mal estar às vítimas. Este tipo de bullying é mais freqüente entre os meninos, pois, a porcentagem é quatro vezes maior entre eles.

Já o *bullying* indireto é caracterizado pela ausência da vítima em questão, dessa maneira os comportamentos utilizados são: atitudes de indiferença, isolamento, exclusão, difamação e negação de desejos, sendo este mais praticado entre as meninas.

Como se pode perceber há diferenças quanto ao modo de praticar *bullying* entre os meninos e as meninas, isso se deve ao fato de que se espera que as meninas sejam dóceis, boazinhas e passivas, e para expressar seus sentimentos elas utilizam meios mais discretos, mas não menos prejudiciais.

[...] Para se esquivarem da desaprovação social, as meninas se escondem sob uma fachada de doçura para se magoarem mutuamente em segredo. Elas passam olhares dissimulados e

bilhetes, manipulam silenciosamente o tempo todo, encurralam-se nos corredores, dão as costas, cochicham e sorriem. Esses atos, cuja intenção é evitar serem desmascaradas e punidas, são epidêmicos em ambientes de classe média, em que as regras de feminilidade são mais rígidas (SIMMONS, 2004, p. 33).

De acordo com Neto (2005), as crianças e adolescentes podem se envolver de três maneiras com o bullying conforme o modo de agir perante a situação. Sendo assim, elas podem assumir os seguintes papéis: vítimas, agressores ou testemunhas.

Já a ABRAPIA (s/d), propõe uma classificação um pouco diferenciada em denominar os alunos envolvidos com o bullying, esta diferenciação ocorre com a intenção de não rotular os estudantes, tentando assim, impedir que eles sejam estigmatizados pela comunidade escolar. Sendo assim, a classificação é feita da seguinte maneira:

- *Alvos de bullying* (vítimas): constituem esse grupo os alunos que só sofrem *bullying*;
- *Alvos / Autores de bullying* (agressores/vítimas): constituído de alunos que tanto sofrem como também praticam *obullying*;
- *Autores de bullying* (agressores): constituído de alunos que apenas praticam o *bullying*;
- *Testemunhas de bullying*: constituído pelos alunos que apenas observam e convivem com a situação.

Além dessas classificações, Fante (2005), ainda descreve outras classificações utilizadas por especialistas do tema, são elas:

- Vítima típica: é aquele aluno que serve de "bode expiatório" para um determinado grupo;
- Vítima provocadora: aquele aluno que provoca e atrai reações agressivas contra as quais não possui habilidades para lidar com eficiência;
- Vítima agressora: aquele aluno que reproduz os maus-tratos sofridos por ele em outro aluno;
- Agressor: aquele aluno que pratica o bullying com os demais, ou seja, ele agride os demais;
- Espectador: é aquele aluno que não pratica e nem sofre com o bullying, mas o presencia em seu ambiente escolar.

De acordo com a ABRAPIA (s/d) seja qual for o papel desempenhado pelo aluno, algumas características podem se ressaltar como principais em cada papel a ser exercido por eles. Estas características são:

- Os autores: são geralmente, os estudantes que possuem pouca empatia, frequentemente, pertencem a famílias não-estruturadas, na qual são poucos os relacionamentos afetivos entre seus familiares.

Segundo Neto (2005), estes alunos tem pouca supervisão por parte de seus pais, e muitas vezes, eles ainda favorecem o desenvolvimento da agressividade entre seus filhos, por meio da permissividade, da prática de maus tratos físicos ou explosões emocionais como meio de afirmação de poder.

Conforme a ABRAPIA (s/d), os estudantes que praticam o *bullying* possuem uma tendência de se tornarem adultos com uma conduta anti-social e/ou violenta, podendo adotar atitudes delinqüentes ou criminosas.

Para Neto (2005), os fatores individuais também podem influenciar na adoção de atitudes agressivas, tais como: hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldade de atenção, déficit de inteligência e baixo rendimento escolar.

O autor de bullying é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; têm opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benéfico" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc.). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes anti-sociais antes da puberdade e por longo tempo (NETO, 2005, p. 67).

Não há dúvidas de que muitos fatores contribuem para que este tipo de comportamento seja praticado. Sendo assim, não basta apenas punir os agressores/autores, é necessário que se tenha conhecimento do ambiente familiar que está inserido, qual o papel desempenhado nesse ambiente, quais são suas



dificuldades, e de que maneira é tratado por seus familiares; pois estes fatores aliados a um ambiente escolar propício para a violência, contribuirão cada vez mais para que este aluno se torne muito mais agressivo com seus colegas e até com seus professores.

- Os alvos: são estudantes ou grupo de estudantes que são prejudicados ou sofrem as consequências das atitudes de outrem e que não possuem recursos, status, ou ainda não conseguem reagir ou para fazer parar as atitudes danosas contra si. São habitualmente, pouco sociáveis. Possuem sentimentos de insegurança que não os deixa pedir ajuda. São indivíduos sem esperança no que se refere às possibilidades de se encaixarem ao grupo. Sua baixa auto-estima é prejudicada ainda mais por meio de críticas ou pela indiferença dos adultos em relação ao seu sofrimento. Devido a sua baixa auto-estima, estes estudantes passam a acreditar que são merecedores deste tipo de maus - tratos. Eles ainda têm poucos amigos, são pessoas passivas, quietas, não reagem de maneira efetiva aos atos agressivos que sofrem (ABRAPIA, s/d).

É grande o número de estudantes / alvos que passam a obter um baixo rendimento escolar, que resistem ou se recusam a ir para o colégio, chegando a inventar doenças. Muitos chegam a trocar de escola com frequência, quando não a abandonam de vez.

Segundo Neto (2005, p. 67), "algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem torná-lo mais vulnerável às ações dos outros e dificultar a sua aceitação pelo grupo [...]".

Estas características podem ser físicas: ser mais alto que o resto da turma, mais baixo, acima do peso, ser muito magro, usar óculos; ter uma pele muito branca, etc. Já as características comportamentais: ser tímido, retraído, ter um excelente desempenho escolar (tirar boas notas), ao tentar se expressar não conseguir sem gaguejar, etc. Características emocionais: chorar facilmente, ter baixa auto-estima, ser inseguro entre outros.

Embora não haja estudos precisos sobre métodos educativos familiares que incitem ao desenvolvimento de alvos de bullying, alguns deles são identificados como facilitadores: proteção excessiva, gerando dificuldades para enfrentar os desafios e para se defender; tratamento infantilizado, causando desenvolvimento psíquico e emocional aquém do aceito pelo grupo; e o papel de "bode expiatório" da família, sofrendo críticas sistemáticas e sendo responsabilizado pelas frustrações dos pais (NETO, 2005, p. 67).

- Alvos/Autores de bullying: conforme Neto (2005), uma parte dos alunos que sofrem de bullying também o praticam, sendo assim são chamados de alvos/ autores.

[...] a combinação de baixa auto-estima e atitudes agressivas e provocativas é indicativa de uma criança ou adolescente que têm, como razão para a prática de bullying, prováveis alterações psicológicas, devendo merecer atenção especial [...] (NETO, 2005 p. 68).

Ainda de acordo com Neto (2005), a tendência desse aluno é ser depressivo, inseguro e inoportuno, eles buscam humilhar seus colegas com a finalidade de encobrir suas limitações.

Segundo Neto (2005), são diferenciados dos alvos típicos por não serem populares e pelo alto índice de rejeição por parte de seus colegas, e muitas vezes pela turma inteira. Estes indivíduos podem ter sintomas depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos.

- Testemunhas: são alunos que não se envolvem diretamente com o *bullying*, ou seja, eles não praticam, nem sofrem suas conseqüências, pelo menos não diretamente, porém, convivem com o ambiente de insegurança e medo, onde o *bullying* se faz presente.

Estes alunos não ajudam os alvos e nem denunciam os autores com medo de represálias, e com o medo de que este tipo de atitude possa vir acontecer consigo. O fato de não ajudar uma vítima ou denunciar o autor, não significa dizer que eles concordam com este tipo de atitude, pois a maioria reprovava, o que ocorre é o medo de se tornar à próxima vítima de seus colegas.

Pode-se afirmar isso de acordo com a ABRAPIA (s/d), as testemunhas são compostas pela maioria dos estudantes, que convivem com a violência e se calam em virtude do medo de virem a ser as próximas vítimas.

Ressalta-se ainda esta afirmação com Neto (2005, p. 67), "a maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying*, e geralmente se cala por medo de ser a 'próxima vítima', por não saberem como agir e por descreverem as atitudes na escola".

De acordo com Neto (2005), não há possibilidades para se prever em qual papel o aluno irá se encaixar; ou seja, se ele será agressor, vítima ou testemunha, já que este papel poderá sofrer

mudanças de acordo com o meio em que este estudante estará inserido.

#### **Projetos e Práticas Psicopedagógicas para redução do Bullying**

Nos últimos anos, o bullying vem sendo assunto de preocupação e interesse no meio educacional e social no mundo todo, razão pela qual, várias pesquisas e publicações encontram-se a disposição, além de páginas na web, salas de bate-papos e linhas telefônicas para esclarecer dúvidas e receber denúncias (FANTE, 2005).

Conforme Pereira (2002) são muitas as estratégias que podem ser utilizadas na redução de problemas de agressão e vitimização na escola e existem evidências consideráveis de que a intervenção pode ser eficaz.

Todos os programas antibullying devem ver as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, não podendo tratá-las de maneira uniforme. Em cada uma delas, as estratégias a serem desenvolvidas devem considerar sempre as características sociais, econômicas e culturais de sua população (NETO, 2005, p. 69).

Os projetos antibullying vêem as escolas como sistemas dinâmicos e complexos, possuidoras de suas próprias características, devendo-se respeitar as peculiaridades culturais e sociais de seus membros. Sendo assim, cada escola possui sua realidade e a partir dela é que se devem construir estratégias e ações cotidianas e contínuas de combate ao bullying (FANTE, 2005).

De acordo com Neto (2005), nas escolas em que os alunos tiveram participação ativa nas decisões e organização, percebeu-se a diminuição dos níveis de vandalismo e de problemas disciplinares e maior satisfação de estudantes e docentes com a escola.

Os melhores resultados são obtidos por meio de intervenções precoces que envolviam pais, alunos e educadores. O diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio, e o estabelecimento

de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas (NETO, 2005, p. 70).

Segundo Mesquita (2003), a consciência da não-violência é relacionada ao último estado da evolução do ser humano, pois se expressa através do relacionamento compreensivo e harmonioso com tudo e com todos, dos amigos e parentes a todos os seres planetários.

Para se prevenir e/ou combater o fenômeno bullying é necessário conscientizar professores, pais, alunos e demais funcionários a respeito deste tipo de agressão, o que é, principais características, pessoas envolvidas, problemas gerados a partir desta agressão. Uma maneira de se fazer isso é por meio de filmes, documentários, teatro, cartazes, seminários entre outras formas. Todas essas maneiras podem ser realizadas com a participação ativa de todos os membros da escola.

A participação de professores, funcionários, pais e alunos é essencial para a implementação de projetos de redução do bullying. O envolvimento de todos tem como objetivo estabelecer regras, diretrizes e ações coerentes. As atuações devem priorizar a conscientização de todos, o apoio às vítimas de bullying, fazendo com que se sintam protegidas, a conscientização dos agressores a respeito de suas atitudes e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro para todos (Neto, 2005).

Segundo Fante (2005), muitas iniciativas antibullying vêm sendo desenvolvidas em muitas partes do mundo, e tem como objetivo a melhoria da competência dos profissionais e da habilidade de interação social nas relações interpessoais, além da estimulação de comportamentos positivos, cooperativos e solidários.

Os valores humanos necessitam fazer parte do cotidiano da escola como ações atitudinais e não somente conceituais. Não adiantará falar a respeito de não-violência, se os próprios profissionais de educação utilizam atitudes agressivas, verbais ou não, contra seus alunos. Ou seja, procurar evitar o velho ditado "faça o que eu digo, não faça o que eu faço" (SILVA, 2006).

Os professores podem pelo menos dar exemplo através de seu próprio comportamento. Devem evitar comentários pejorativos e nunca devolver o trabalho de casa em ordem de nota decrescente. Estudantes mais fracos não devem ser criticados em sala de aula. Se um professor deixa claro que todos são tratados da mesma forma, os alunos vêem nisso um sinal para não excluir outros do grupo (SCHAFER, 2007, p. 4).

Algumas atitudes preventivas como: aumentar a supervisão na hora do recreio e intervalo, evitar em sala de aula menosprezo, apelidos ou rejeição de estudantes por qualquer tipo de razão. Além disso, pode-se promover discussões a respeito das várias maneiras de violência, respeito mútuo e a afetividade tendo como foco as relações humanas (SILVA, 2006).

De acordo com Martinelli (1996), existem alguns valores relacionados à premissa de não-violência, são eles: cooperação, fraternidade, altruísmo, respeito à cidadania, concórdia, força interior, unidade, patriotismo, responsabilidade cívica, solidariedade, respeito a todas as formas de vida e à natureza, respeito a todas as formas de culto e religiões, uso adequado do tempo, uso adequado da energia do dinheiro.

- Cooperação: caracterizado como uma forma de fazer algo junto, trabalhar em comum (MARTINELLI, 1996);
- Fraternidade: caracterizado como o reconhecimento de que todos têm a mesma origem divina e os anseios são basicamente os mesmos (MESQUITA, 2003);
- Altruísmo: caracteriza-se como a vitória sobre o egoísmo. Satisfação de fazer algo sem a preocupação de satisfazer o ego (MESQUITA, 2003);
- Respeito à cidadania: é a consciência de que nosso próprio bem-estar e prosperidade estão relacionados ao bem-estar de todos;
- Concórdia: é a busca do senso comum, da paz e da harmonia entre ideias contrárias com a finalidade de aprimorar objetivos (MARTINELLI, 1996);
- Força interior: é a cultura dos valores humanos, que fortalece o caráter do ser. Sendo também a manifestação consciente do Deus interno (MESQUITA, 2003);
- Unidade: apesar da multiplicidade de aspectos e variedades de funções e formas, nada nem ninguém pode ser considerado isolado. Tudo o que existe no universo interage e se comunica energeticamente (MARTINELLI, 1996);
- Patriotismo: é o amor pela terra em que vivemos e o oferecimento dos nossos dons para o crescimento e desenvolvimento dela (MESQUITA, 2003);
- Responsabilidade cívica: é a colaboração ativa com a evolução de uma nação, seja como indivíduo, como empresa ou como uma organização governamental (MESQUITA, 2003);
- Solidariedade: é a comunicação mais profunda com outra pessoa, pois, sendo solidários, enfocamos nossas semelhanças e destruímos empecilhos em forma de personalidade, credo, cultura, raça ou posição sócio-econômica (MARTINELLI, 1996);
- Respeito à natureza: é ter consciência da importância de todas as formas de vida e da interdependência delas (MESQUITA, 2003);

- Respeito a todas as formas de cultos e religiões: é estar livre de preconceitos para aprender com as diferenças, respeitando-as e percebendo sem distorções preconcebidas a expressão de variadas culturas e religiões (MARTINELLI, 1996);
- Uso adequado do tempo: é aproveitar todo o momento como se fosse o último, realizando-se as atividades conforme o tempo proposto pela natureza (MESQUITA, 2003);
- Uso adequado da energia do dinheiro: é a consciência de que o dinheiro deve circular, caso contrário gera desconforto, dor, injustiça, violência e todo o tipo de desequilíbrio individual e social. A energia do dinheiro deve ser utilizada para suprir as necessidades básicas, promover enriquecimento cultural e ser usada para benefícios comunitários por meio de projetos e atividades edificantes e não para separar as pessoas e emburrecê-las (MARTINELLI, 1996).

Todos esses valores devem ser trabalhados com toda a comunidade escolar no combate e prevenção de algum tipo de agressão como no caso do bullying. Despertar nos alunos valores humanos é essencial para que eles aprendam a ter respeito pelo próximo, tornando o ambiente escolar mais harmonioso entre todos que fazem parte dele.

Deve-se encorajar os alunos a participarem ativamente da supervisão e intervenção dos atos de bullying, pois o enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos autores que eles não terão o apoio de grupo.

Treinamentos através de técnicas de dramatização podem ser úteis para que adquiram habilidades para lidar de diferentes formas. Uma outra estratégia é a formação de grupos de apoio, que protegem os alvos e auxiliam na solução das situações de bullying (NETO, 2005, p. 69).

De acordo com Fante (s/d), o programa Educar para Paz, elaborado por Cleo Fante, pode ser caracterizado como um conjunto de estratégias psicopedagógicas que se embasa em princípios de solidariedade, tolerância e respeito às diversidades. Este programa abrange toda a comunidade escolar, inclusive pais e a comunidade na qual a escola se localiza. Entre as estratégias do programa estão: o trabalho individualizado com os indivíduos envolvidos em bullying

- objetivando a inclusão e o fortalecimento da auto-estima das vítimas e a canalização da agressividade dos agressores em atividades pró-ativas - bem como o envolvimento de todos os membros da escola, pais e a comunidade em geral.

Nesse programa, há a nomeação de alunos que formam um grupo denominado "alunos solidários" que atuam como anjos da guarda daqueles alunos que mostram dificuldades de

relacionamento, tanto dentro como fora do ambiente escolar. Há também a formação de grupos de pais - "Pais Solidários" - que ajudam nas brincadeiras do recreio dirigindo conjuntamente com os alunos solidários. A interiorização de valores humanistas, bem como a discussão de "situações problema" de cada grupo-classe, são estratégias que objetivam a educação emocional, sendo realizadas semanalmente, no decorrer da reunião entre tutores e suas turmas.

Aqueles alunos cujos comportamentos extrapolam as habilidades psicopedagógicas da equipe responsável pelo desenvolvimento do programa deverão ser encaminhados a profissionais especializados a fim de que sejam devidamente diagnosticados e tratados. O ideal é que a equipe trabalhe tendo em mente a necessidade de estabelecer parcerias com profissionais das diversas áreas da saúde, encaminhando-lhes alunos todas as vezes que isso se fizer necessário e procurando manter-se informada sobre o andamento de cada caso (FANTE, 2005, p. 152).

De acordo com Neto (2005), o bullying pode ser compreendido como um banalizador para o nível de tolerância da sociedade a respeito da violência. Portanto, enquanto a sociedade não estiver pronta para lidar com este fenômeno, serão mínimas as chances de diminuição de outros tipos de comportamentos agressivos e destrutivos.

#### REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência. Programa de Redução do Comportamento Agressivos entre Estudantes. Rio de Janeiro, s/d. Disponível em: <http://www.bullying.com.br/BConceituacao21.htm#Mas>.

ALVES, Rubem. Bullying. Disponível em: <http://www.rubemalves.com.br/bullyng.htm>

BALLONE GJ - Maldade da Infância e Adolescência: Bullying - in. PsiqWeb, Internet, disponível em [www.psiqweb.med.br](http://www.psiqweb.med.br), revisto em 2005.

BENCINI, Roberta. Memória Viva da Educação. Revista Nova Escola. Brasília, n. 186, out, 2005, p. 45-53.

BRASIL, Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Ministério da Saúde, 1991. 190p.

CAVALCANTE, Meire. Bullying: Como acabar com brincadeiras que machucam a alma. Revista Escola. Brasília, v.19, n. 178, p. 58-61, dez. 2004.

DINES, Alberto. Hitler em Taiúva. Disponível em <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/colunas/alberto/2003/01/31/jorcolalb20030131001.html>.

DEMO, Pedro. Pesquisa: Princípio Científico e Educativo. São Paulo: Cortez, 1996. 120p.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Versus, 2005. 224p.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. O fenômeno Bullying e suas Consequências Psicológicas. Disponível em: <http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>

FERRARI, Márcio. Violência é assunto de escola sim!. Revista Nova Escola. Brasília. N.197, Nov. 2006, p. 24 - 31.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. São Paulo: Atlas, 1999. 207p.

NETO, Lopes Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. J. Pediatr. (Rio de J.). Porto Alegre, v.81, n. 5, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) . Acesso em: 20 Jul 2007. p. 64 - 72.

LUCIANO, Fábila L. Metodologia Científica. Criciúma: UNESC, 2001. 93p.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A educação Brasileira deu um grande salto nos anos 1990. Revista Nova Escola. Brasília. n. 186, out.



2005.

20-22p.

MARTINELLI, Marilu. Aulas de Transformação: o programa de educação em Valores Humanos. São Paulo: Petrópolis, 1996. 143p.

MESQUITA, Maria Fernanda Nogueira. Valores Humanos na Educação: uma nova prática na sala de aula. São Paulo: Gente, 2003. 140p.

NOGUEIRA, Rosana M<sup>a</sup> C. Del Picchia de Araújo. Bullying na Escola e na Vida. Revista eletrônica Pedago Brasil. Nov 2005. Disponível em: <http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/bullyingnaescola.htm> . Acesso em 23 Abr. 2007.

PEREIRA, Beatriz Oliveira. Para uma Escola sem Violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. 364p.

POLATO, Amanda. Violência é produzida na escola sim. Revista Nova Escola. Disponível em: [http://revistaescola.abril.com.br/online/redatores/amanda/20070620\\_posts.shtml](http://revistaescola.abril.com.br/online/redatores/amanda/20070620_posts.shtml). Acesso em: 06 Ago. 2007.

SCHATER, Mechthild. Abaixo aos Valentões. Revista Viver Mente e cérebro. Set. 2005. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/news/makepdf.php?storyid=1823>. Acesso em: 12 Ago 2007, p. 1-5.

SILVA, Geane de Jesus. Bullying: quando a escola não é um paraíso. Revista Mundo Jovem. Porto Alegre, n. 365, p. 2-3, 2006. Disponível em: <http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php>.

SIMMONS, Rachel. Garota fora do jogo: a cultura oculta da agressão nas meninas. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. 333p.

SISTO, Fermino Fernandes. Aceitação-Rejeição para Estudar e Agressividade na Escola. Psicol. Est., Maringá, v.10, n.1, p. 117-125, 2005. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722005000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100014&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt).

DIGA NÃO AO BULLYING. Disponível em:  
<http://www.diganaoaobullying.com.br/>